



A VIRGEM MARIA, SUAS APARIÇÕES E MENSAGENS NA MODERNIDADE: UMA ARENA DE CONFLITOS

THE VIRGIN MARY, HER APPARITIONS AND MESSAGES IN MODERNITY:
AN ARENA OF CONFLICTS

*Prof. Dr. Rodrigo Portella**

RESUMO

Aparições e mensagens da Virgem Maria contam-se aos montes na história e agiografias católicas. Contudo, no contexto da modernidade, particularmente nos séculos XIX e XX, as aparições e mensagens marianas ganham contornos singulares em termos, pois têm afetado a Igreja e as devoções populares de forma mais intensa. Características de tais aparições e mensagens têm sido apelos devocionais e preocupações teológicas a reforçar um catolicismo tradicional e militante quanto aos meios tradicionais de devoção e compreensão da doutrina católica. O presente artigo busca evidenciar, através de exemplos paradigmáticos, características e significados de tais aparições e mensagens da Virgem na modernidade, bem como os conflitos, velados ou não, que causam na arena eclesial e teológica.

Palavras-Chave: Maria; Modernidade; Aparições; Doutrina; Conflitos.

ABSTRACT

* Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF (2005-2009), tendo realizado estágio doutoral (Bolsa Sanduíche Capes) na Universidade do Minho, Portugal (2007-2008). Estágio de Pós-Doutoramento em Teologia, como bolsista da Capes, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio (2015) e em Comunicação e Sociedade na Universidade do Minho, Portugal (2016). Professor Associado I da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, atuando no Departamento de Ciência da Religião. E-mail: portellarodrigo1969@gmail.com



Apparitions and messages of the Virgin Mary are told in droves in Catholic history and agiographies. However, in the context of modernity, particularly in the 19th and 20th centuries, the Marian apparitions and messages take on unique contours in terms, as they have affected the Church and popular devotions more intensely. Characteristics of such apparitions and messages have been devotional appeals and theological concerns to reinforce a traditional and militant Catholicism towards traditional means of devotion and understanding of Catholic doctrine. This article seeks to highlight, through paradigmatic examples, characteristics and meanings of such apparitions and messages of the Virgin in modernity, as well as the conflicts, veiled or not, that they cause in the ecclesial and theological arena.

Keywords: Mary; Modernity; Apparitions; Doctrine; Conflicts.

1 INTRODUÇÃO

Relativamente às aparições que a Igreja aceita como dignas de fé, isto é, que não contradizem a fé e a moral cristã e católica, é necessário dizer que, não as contradizendo – conforme o julgar da Igreja –, podem fazer mais: reforçar a doutrina. Quanto a isto Lochet (1966) chama a atenção para que, nas aparições – ao menos as dos séculos XIX e XX –, os tons doutrinários – que apontariam para a autenticidade das aparições | mensagens – são, por exemplo, o sentido do pecado e o da redenção, da penitência e da oração. Também elementos simbólicos da autoridade eclesiástica são enfatizados em algumas aparições, como em Portugal, por exemplo, em que “Fátima sustenta a figura do papa, porque a figura do papa é legitimada na mensagem de Fátima” (FRANCO, 2010, p. 36). Em La Salette e em Fátima os segredos são enviados diretamente aos respectivos Papas de cada época, salientando-se, assim, a referência à autoridade legítima em guardá-los e interpretá-los.

Entretanto o mais interessante é que a Virgem das aparições une, nesta ortodoxia da mensagem de fé, dois lados nem sempre muito fraternos no seio da Igreja, isto é, os grupos e as tendências teológicas centrais que se mostram mais à direita em teologia, eclesiologia e política; e os grupos e as tendências teológicas que se mostram mais alternativos – ou mais flexíveis ou à esquerda – em teologia, eclesiologia e política. Ambos reconhecem que as mensagens das aparições refletem uma teologia que reforça lugares teológicos (e posições políticas) tradicionais e oficiais da Igreja em sua face central. Contudo, apesar deste uníssono reconhecimento, as pazes terminam aí. Os primeiros incensam as aparições; os segundos – ainda que à boca pequena – costumam ter reservas, e críticas, às aparições *por causa* de suas mensagens. É o

que ver-se-á a seguir, nas trilhas das modernas aparições marianas e de suas mensagens.

2 MARIA E SUAS MENSAGENS EM CHAVES DE DISPUTAS HERMENÊUTICAS TEOLÓGICAS E SOCIAIS

A questão das aparições e das mensagens de Maria é, ainda que sob formas diversas, questão antiga. Não é toda Maria que circula(va) bem em todos os estratos sociais em antanho, e não são todas as camadas sociais iguais nas suas preferências marianas. A devoção a Nossa Senhora do Rosário, por exemplo, foi, no Brasil, incentivada para os escravos negros, e, de fato, os tais a adotaram. Nossa Senhora da Glória, entretanto, era devoção entre as elites. Atualmente, também devoções como Schoenstatt são mais restritas a certos grupos sociais, enquanto outras são mais afeitas a grupos opostos.

Nomeadamente pode-se dizer – não sem certo risco de generalizações – que os grupos eclesiais mais à esquerda, tanto em teologia como em política, são aqueles que mais se constroem com as mensagens das últimas grandes aparições, particularmente com a de Fátima, posto que as mensagens tenderiam a reforçar papéis ou temas tradicionais na Igreja, como penitência, oração do Rosário, jejum, inferno; no campo político, além de não promoverem uma agenda mais à esquerda, as mensagens tenderiam a reforçar modelos sociais mais à direita, contra o comunismo e o secularismo. Quanto a isto De Fiores (1995, p. 537) indica que, no pós-concílio, houve uma “crise mariológica”, e que o “progressismo” resultante do Concílio Vaticano II critica Fátima por sua ortodoxia e pelas práticas devocionais que favorece. Faz-se a crítica de que nas aparições – ao menos as modernas – a Virgem assumiria um caráter “nitidamente ideológico”, com mensagem de salvação do povo das garras do comunismo, dos perigos da sociedade moderna e recomendando “orações, jejuns e penitências” (GEBARA; BINGEMER, 1987, p. 160).

Sabemos que atitudes cristãs e católicas como penitência, jejum e oração são recomendações de Jesus e dos autores do Novo Testamento (Mt 3,2; 6,16-18; 26,41). Talvez o problema seja a perspectiva da realização de tais atos, isto é, quando,

instrumentalizando-os, são feitos a visar algum equivocado desagravo a Deus por supostos males da sociedade moderna ou para perpetuar modelos societários e políticos tidos por mais agradáveis a Deus, desautorizando ou mesmo demonizando modelos que, pensa-se, contrariariam a doutrina católica.

É legítimo perguntar “por que as mensagens dos videntes são tão intimistas, raramente chamando os fiéis ao compromisso com a justiça e à luta por uma nova sociedade?” (MURAD, 1996, p. 32). Mas, penso, também seria legítimo inverter esta perspectiva e perguntar por que deveriam, as mensagens, instigar às lutas e a determinado conceito de justiça? Por que deveriam as mensagens das aparições – em seu conteúdo – estar mais próximas a determinada compreensão teológica de justiça e de ação na sociedade, do que próxima a outras formas de compreensão sobre estes temas?¹ Por que deveria a Virgem – assim como toda a gente – fazer valer as *nossas* opções teológicas e sociológicas?

Houve época, na história do cristianismo, em que se enfatizava o Deus do juízo e da condenação, em prejuízo do Deus da misericórdia, do amor. Houve época – mais recente e, de certa forma, ainda presente – em que a ênfase, ao contrário, era o Deus de amor infinito, que tudo perdoa e tolera, em detrimento do Deus que também é juiz, soberano. A ambas as perspectivas poderíamos responder que Deus é Deus, e seu mistério envolveria as sombras de várias faces e seria necessário deixar que Deus seja Deus em seus paradoxos². Ouso pensar que Deus não é isto ou aquilo, mas está *entre* isto e aquilo. Deus, arrisco dizer, é Deus de paradoxos, e que, por ser Deus, não precisa se justificar a ninguém³. E Maria? Já não cantou sua mensagem de libertação

¹ Sem cair em relativismos, pergunto: há apenas uma leitura e hermenêutica bíblica ortodoxa de temas como justiça e liberdade, por exemplo? Não é verdade que há uma miríade de hermenêuticas referentes ao clareamento de conceitos e ideias contidos na Bíblia, desde as chamadas fundamentalistas e integristas, até as feministas e *queer*, todas elas com suas também por vezes incontáveis subdivisões internas?

² Talvez fosse importante um estudo à parte sobre o conceito de *paradoxo* que, por ser também paradoxal (sic), é de difícil apreensão. Já quanto à discussão das faces ocultas de Deus, ou do *Deus absconditus*, é tema que desde o bíblico Jó, passando por Paulo – em sua teologia da cruz –, Agostinho e Lutero, é clássico na teologia, embora que, de alguma forma – principalmente na racional modernidade (também teológica) sensível à justiça e ao amor – pareça sempre entrar pela porta dos fundos da reflexão teológica, ou porque é difícil (e constrangedor), ou porque é antipático.

³ Para a sensibilidade moderna, Deus, agindo assim, pode ser considerado um déspota e tirano totalitário. Mais uma vez aqui está o nó: os critérios estão em nós, em nossa cultura, no círculo de nossa *intelligentsia*. O exemplo mais fascinante da literatura religiosa continua a ser, sem dúvida, o do livro de Jó. E, aqui, há duas chaves para se defrontar com Deus: a que usa Chesterton, quando, comentando a resposta final de Deus a Jó, escreve que “a recusa por parte de Deus de explicar os seus designios é, em si própria, um indício ardente dos Seus designios. *Os enigmas de Deus são*

e de opções políticas e sociais no *Magnificat*? Já não carregou, em sua história, as marcas de mulher pobre, solidária, corajosa? Sem dúvida! Mas também não pode ela mostrar-se plural, paradoxal – ao menos para nossa sempre limitada e parcial visão – em suas supostas manifestações aqui e acolá? Nunca é demais lembrar que Maria é mais que uma personagem histórica; Maria é um símbolo de fé e, como tal, vai além das margens que Igreja e teologia agregam a ela. Conforme Grimaldi (Apud BOFF, 2006, p. 19): “ao lado da verdade puramente histórica, existe uma verdade mais íntima, mais alta e mais decisiva”.

Constata-se, muitas vezes, certa indiferença ou mesmo hostilidade dos setores à esquerda, na Igreja, para com as aparições marianas e suas mensagens nos dois últimos séculos. Mas a esquerda eclesiástica e teológica, particularmente nos países do chamado terceiro mundo ou naqueles países ditos emergentes, não é justamente a que procura discernir os “sinais dos tempos” e a presença de Deus no meio dos mais pobres, esquecidos, marginalizados, explorados, periféricos? Já foi esclarecido, mas não nos custa relembrar: quem eram os videntes das aparições dos séculos XIX e XX? Os últimos, crianças, maltrapilhas, pobres, ignorantes, do interior dos interiores, periféricas, leigas. O leitor já deve ter olhado para as fotografias delas à época das aparições: não se parecem com os que frequentam as igrejas nos meios rurais, nas periferias, nos subúrbios, nas zonas de maior pobreza? Contudo, suspeito e pergunto: não serão simples por demais tais videntes – e sua piedade –, de tal forma que não se encaixam em teologias que, ainda que libertárias em relação aos pobres, carregam notas secularizantes ou que resistem às rusticidades de certas piedades tradicionais? Aqui novamente está o paradoxo, agora outro, isto é, “a eventual prevalência de gente humilde e pobre entre as

mais satisfatórios do que as soluções do homem” (Apud Slavoj Zizek, *A monstruosidade de Cristo*, p. 46, grifo meu). E, complementando, Zizek sublinha que, “[Deus] resolve o enigma suplantando-o por meio de um enigma mais radical, redobrando o enigma (...). Deus responde-lhe com um ponto de exclamação. Em vez de mostrar a Job um mundo explicável, insiste em que se trata de um mundo muito mais estranho do que Job alguma vez pensou” (Slavoj Zizek, *A monstruosidade de Cristo*, p. 46. O autor se refere à resposta de Deus, em Jó 38). Ou “nos termos da teodiceia, não há resposta possível perante o sofrimento de Job. Deus refere-se, por conseguinte, a qualquer coisa que é muito diferente de tudo aquilo que pode ser exaustivamente veiculado por conceitos racionais, e remete para o prodígio absoluto e puro que transcende o pensamento, para o mistério apresentado sob a sua forma pura e não racional” (George Steiner, *Gramáticas da criação*, p. 60). Quanto ao tema dos paradoxos da fé e da religião, remeto, ainda, às obras de Tomás Halík.

multidões de peregrinos suscita leituras elitistas sobre o fenômeno de Fátima” (FRANCO, 2010, p. 37).

Mas serão assim tão “conservadoras” as mensagens recebidas pelos videntes? Sim, certamente que, para os paradigmas intelectuais, teológicos e eclesiológicos vigentes em determinados espaços da Igreja, a mensagem é o que mais incomoda. Mas não são, justamente, estas mensagens dadas aos pobres e pelos pobres? Não são elas a da piedade e gosto popular? Não são *de base*, neste sentido? Teria sido melhor, talvez, que em Fátima Maria tivesse dito que a revolução bolchevique era um prenúncio da vinda do Reino de Deus? Caso assim fosse, Fátima seria instrumentalizada para uma visão socialista da teologia, assim como foi (e é) instrumentalizada, muitas vezes, para uma visão teológica de crítica severa ao comunismo e a qualquer reflexão teológica que flertasse com pressupostos socialistas. Teria sido melhor que as mensagens, ao invés de enfatizarem o Rosário e a penitência, tivessem enfatizado a mobilização das lutas populares e a resistência aos regimes ditatoriais? Pronto: as aparições seriam o apanágio das teologias libertárias – em seus vários tons – da atualidade⁴. Quem sabe Maria poderia ter falado sobre a importância da emancipação da mulher, ou mesmo tivesse sorrido para a teoria de gênero e, ao invés da visão do inferno, tivesse proporcionada a visão do paraíso socialista?⁵ Mas não. Quanto a isto, Boff (p. 629) é de uma lucidez pouco comum:

como falar uma linguagem exigente, em termos de ética política, para gente simples e para multidões religiosas? (...). Nesse ponto, a Virgem entende mais de povo do que muito político e analista social, e demonstra mais senso pedagógico de ‘condescendência’ do que muito agente de pastoral e educador popular.

Ou, conforme Fernando Ventura, Fátima seria o “psicólogo” que o povo não pode ter (FRANCO, 2010, p. 38). Em perspectiva aparentemente semelhante, mas com os

⁴ Ao evidenciar que Maria não fala a “linguagem da Teologia da Libertação”, Clodovis Boff afirma que esta ausência “a preservaria [a mensagem] em boa medida das tentativas de manipulação política” (*Mariologia social. O significado da Virgem para a sociedade*, p. 628).

⁵ Em Fátima a Virgem pede a Lúcia que aprenda a ler. Este detalhe parece passar despercebido, ou seja, que em uma sociedade de analfabetos, em que a maior parte das crianças pobres não podia frequentar as escolas – ainda mais nos meios rurais –, seja por não havê-las para elas, seja por terem que trabalhar e, assim, não poderem estudar, a Virgem – num evento, por suposto, de extrema importância sobrenatural, sagrado – faça o aparentemente “banal” (mas de forma alguma banal para um analfabeto) pedido para que uma criança roceira e pobre aprenda a ler. Isto não parece revolucionário (à esquerda)?

devidos tons contextuais, Clodovis Boff comenta, ainda, o caso das mensagens nas aparições de Medjugorje, sublinhando que as mensagens não se referem

tanto à clássica ‘questão social’ (desemprego, globalização liberal etc.), mas a uma questão mais inquietante: a *Sinnfrage*. De fato, a pergunta pelo sentido da vida é a nossa ‘questão epocal’. Essa se exprime no desamparo existencial, na desorientação ética, enfim, na falta de uma bússola que norteie a busca da própria identidade e do próprio destino. E os pobres? Sim, Maria continua a se dirigir aos pobres, mas trata-se agora dos ‘pobres existenciais’. E, porque contém uma mensagem que se ajusta aos tempos globais (...), quanto mais niilismo, mais aparições (BOFF, 2006, p. 637).

De qualquer forma cabe aqui, ainda, um reparo: sem dúvida que a grande crise da pós-modernidade é a do sentido, da identidade, das perguntas sem respostas, da falta de substância; contudo, os pobres “físicos” que experimentam fome, miséria, insalubridade, abandono e exclusão continuam a existir, e também são cada vez mais numerosos e, antes de se perguntarem pelo sentido, clamam pela comida e dignidade. A estes, como à mulher cananeia e seu cachorrinho (Mt 15,21-28), não sobra nenhuma migalha da mensagem? Entretanto, prossegue o eminente teólogo:

São conselhos afins à mentalidade pós-moderna, marcada pelo ‘fator psi’ e sequiosa das técnicas de autoajuda. O destinatário privilegiado de Medjugorje não é mais a população rural, mas a urbana. Os pobres que ela atinge são, sobretudo, os destituídos de relacionamento, de motivação e de sentido (BOFF, 2006, p. 637).

Enfim, Boff destaca que o objetivo das aparições não é, primeiramente, sociopolítico, mas religioso. Mas, estando o religioso encarnado no mundo e sociedades reais, e não flutuando no espaço, Boff destaca que cada aparição, ao seu tempo e em seu contexto, está sintonizada com a macro-história, sendo, as aparições, pontos de “inserção” de Deus na história. Assim, Lourdes significa o enfrentamento da fé com o racionalismo ocidental; Fátima uma profecia antitotalitária; Aparecida o sinal do início da nacionalidade (BOFF, 2006, p. 644).

Contudo, “o fato é que as aparições se colocam mais do lado do povo que do lado do poder constituído, seja esse de direita ou de esquerda” (BOFF, p. 620). Se Maria pede, quase sempre, a tríade conversão, oração e penitência, não é, tal pedido, sinal de banalidade, mas justamente o contrário, de centralidade cristológica, da essência da

boa-nova, ou seja, nestes três pedidos-anúncios está, nada mais, nada menos, o que Jesus pedia aos seus (Mc 1,15; Mt 26,41; Lc 13,3) (BOFF, 32006, p. 625).

Ademais é de interesse citar, quanto a este estranhamento sentido por alguns teólogos, entre a Maria do *Magnificat* e a Maria das aparições, a palavra abalizada do exegeta Carlo Maria Martini (1995, p. 103), que anota que, mesmo quando se trata de palavras consideradas autênticas – ditas por Maria nas aparições – são, palavras e linguagem, profundamente diferentes da linguagem bíblica. Mas pergunto: a linguagem da Igreja – em suas encíclicas e documentos –, e a dos púlpitos são tal qual a linguagem bíblica? E não sofre, a linguagem, o influxo dos tempos e culturas? Deveria Maria – no que tange à língua, por exemplo – falar aramaico ao índio mexicano Juan Diego? Vestir-se como uma menina da Nazaré bíblica aos videntes de La Salette? Usar termos próprios da cultura mediterrânea do século I aos videntes de Fátima? Sim, sei, o eminente cardeal refere-se ao conteúdo da linguagem, não à forma. Mas estaria o conteúdo das mensagens em contradição com o conteúdo bíblico? Foi esta a interpretação da Igreja referente às grandes aparições?

3 A IMAGEM DE UM MUNDO EM CRISE NAS IMAGENS DE MARIA

La Salette, enquanto primeira grande aparição do século XIX a tomar caráter global e ter o reconhecimento da Igreja, constitui-se no paradigma primário das demais aparições posteriores. A imagem símbolo da Senhora da Salette é a que ela aparece aos prantos⁶.

Em setembro de 1846 teria havido a aparição de Maria, em La Salette, para duas crianças pobres, pastores de aldeia. O contexto é o da pós-revolução francesa, da perseguição à Igreja, anticlericalismo e laicização do Estado e da vida das pessoas. Neste sentido a aparição, e sua mensagem, são interpretadas como a

⁶ Jacques Maritain (citado por Carlo Maria Martini, *O convite da Maria a nós, pastores*, p. 74) diz, a respeito do choro de Maria em La Salette, que “se a Senhora chorou, se falou daquele modo, quer dizer que no conjunto de sinais que os homens podem compreender nada mais podia expressar melhor a inefável realidade de tudo quanto acontece no céu”. Aqui há dois dados: o simbólico, ou seja, nos atos simbólicos é que, para o povo, acontecem de fato as mensagens e a sua compreensão visceral; o doutrinal, isto é, o filósofo está convencido de que, ao choro, corresponde realidade objetiva de que Deus de fato sofre, e muito, pelo que acontece entre os humanos.

desforra dos humilhados diante da república laicista e burguesa, e diante do Iluminismo.

Contudo, chamo a atenção para que, em La Salette – como em Akita, no Japão⁷ –, Maria aparece com duas características que a marcaram desde a Idade Média e sempre estiveram enraizadas na cultura e piedade popular: suas dores e sua misericórdia. O motivo da tristeza e da dor é que – conforme o relato original da aparição de La Salette – muitas pessoas desprezam o preceito dominical de ir à missa, zombam das coisas de Deus e já não rezam. Ou seja, uma mensagem para os tempos iluministas e laicistas pós-revolução francesa⁸. A misericórdia de Maria, portanto, dá-se também de outra forma, isto é, através da manifestação de tristeza justamente porque as pessoas já não buscam abrigar-se sob seu manto de misericórdia ou, em uma palavra, já não buscam a Deus (e muito menos a ela). Pictoricamente é também necessário mencionar o grande crucifixo que pende do busto de Maria, em outra de suas representações em La Salette. Um enorme crucifixo ladeado de um martelo e de um alicate, evidenciando o martírio de Jesus.

A dor e a misericórdia de Maria, que se misturam por causa da tibieza e abandono da religião, mostram-se, sobretudo, na mensagem dada a Melânia e Maximino, isto é, de que estava a segurar o braço de seu Filho que, a qualquer momento, poderia cair inclemente sobre este mundo, por conta do pecado a nele grassar. Mais uma vez o tema da misericórdia de Maria aparece, naquela que tarda o castigo e que chora pelos pecadores. Mas doravante não é mais a misericórdia pela misericórdia. É a misericórdia vinculada a uma mensagem específica: os males do mundo moderno vão contra a fé sã em Deus. Daí o sofrimento da Virgem e sua manifestação de misericórdia em deter o braço de Jesus. É antiga a ideia, em certas escolas espirituais, de que Maria sustenta o braço ameaçador da

⁷ Em Akita, no Japão, Maria terá aparecido, em 1973, à freira Agnes Sasagawa, através de uma imagem que exalava sangue, suor e lágrimas. Os pedidos da Virgem eram por conversão e oração para evitar o castigo divino.

⁸ Embora que também na Idade Média, guardadas as devidas proporções, a vida cristã não era tão mais pia como se quer crer, pois que “sabemos que à época a santidade era pouca, pelo menos para os nossos padrões. A descrição de Jean Delumeau não é simpática para o baixo clero medieval: bêbedo, boçal, semi-iletrado, amancebado, composto de funcionários itinerantes a soldo. O alto clero, de onde saiu muito santo elevado aos altares, tão-pouco nos soa a modelo: em mancebias não se ficava atrás dos párocos e os seus compromissos com a aristocracia não parecem muito santos nem próprios da pacatez evangélica. Quanto aos leigos – à massa dos leigos – os relatos são de ‘miséria espiritual’” (Joaquim Costa, *Sociologia da Religião*. Breve introdução, p. 54).

justiça divina (Schillebeeckx, p. 100), ou que impede que as flechas da justiça divina cheguem aos humanos, como já visto. Paul Claudel, citado por Martini (1995, p. 112), acerta em cheio ao dizer: “ela sustém o braço de seu Filho. Mas, então, o Filho não é mais onisciente e onipotente? Tudo coisas que uma teologia sombria tem dificuldade em justificar, mas que o coração compreende...”. De fato o povo faz teologia com o coração, com as entranhas. E não é esta boa teologia?

A aparição de Maria em Fátima, por sua vez, seria um importante evento a sinalizar o aspecto mais doutrinário da figura de Maria na atualidade. Mas este aspecto também está relacionado com a dor e a misericórdia. Suas mensagens têm relação com admoestações sobre o inferno, eucaristia, penitência e sobre formas de reforçar a santidade entre os humanos.

Em Fátima Maria revela o seu coração imaculado, envolto em espinhos (como que a simbolizar as dores de Jesus Cristo e dela própria, Maria); o Rosário pende de seus braços como seu distintivo aconselhado aos cristãos; a brancura das roupas sugere a paz em plena dor causada pela 1ª Guerra Mundial. A coroa, colocada pela piedade popular, está como símbolo de seu governo sobre o mundo.

O Rosário, que desde Lepanto, principalmente, foi compreendido como arma do católico contra mouros, protestantes e hereges, tem sua importância enfatizada pelos Papas dos séculos XIX e XX como sendo meio eficaz no combate ao modernismo e, em Fátima, é enfatizado como meio para a salvação. Sua mensagem a respeito da Rússia e de seus “erros” que iriam se espalhar pelo mundo antecipa o acontecimento histórico da revolução russa e coloca um prévio juízo de valor sobre a mesma: o cristão não poderia comungar com o comunismo⁹. Em contraponto se prevê a “conversão da Rússia”, desde que ela seja consagrada a seu imaculado coração, ou seja, posta sob seu domínio maternal. Assim que vários grupos eclesiais viram na imagem e mensagem de Fátima um modelo para combater o comunismo.

⁹ A mensagem não fala explicitamente do comunismo. Aliás, é bom lembrar, a revelação completa desta mensagem, por Lúcia, só ocorre em 1941, quando a Rússia já encontrava-se no cenário de uma oposição político-social e ideológica em relação às nações do Ocidente.

Maria fala a crianças humildes de uma pequena aldeia portuguesa no contexto da república anticlerical instalada em 1910. O reforço da fé e doutrina católicas, portanto, é também mensagem a um meio cada vez mais laicista e hostil à religião, e não só em Portugal. Conforme Allegri (2013, p. 172s):

Tratava-se de verdades já conhecidas, contidas na doutrina tradicional da Igreja, mas que, descuradas na formação normal das pessoas, esquecidas por quase todas, corriam o risco, em certo sentido, de perder toda a sua eficácia (...) sobretudo nas décadas futuras, em que tais verdades viriam ainda a ser mais negligenciadas e postas em dúvida.

Fiquemos com estes dois exemplos das formas modernas em que a Virgem comunica sua dor e misericórdia ao mundo: apontando – explícita ou implicitamente – os erros contemporâneos que levariam a dores no Céu e desgraça no Inferno; e revelando o remédio para eles: “tres palabras se repiten siempre y traducen sus exigências: ‘venid, haced penitencia, orad’” (LOCHET, 1969, p. 106). Lochet coloca tais exigências, nas argumentações das páginas subsequentes de sua obra, no lastro das perseguições à Igreja e no sentido de reparação a Deus pelos pecados humanos.

A abundância de aparições da Virgem no mundo contemporâneo, e em que estes temas constituem-se como recorrentes, é impressionante. Apenas como ilustração, e para a curiosidade do leitor, eis algumas:

Em Beauraing, Bélgica (1932), Maria, durante trinta e três aparições, terá insistido no pedido de orações, conversão e peregrinações àquele local. Em Garabandal, Espanha (1961-1965), Maria terá convidado quatro meninas à oração do Rosário e oferecido mensagem sobre penitência e sacrifício, além de revelado um castigo na ausência de conversão e fé. Em Kibeho, Ruanda (1981), Maria, ao ter aparecido, terá demonstrado um rosto triste, e revelado imagens fortes de destruição e morte. Para sanar a tragédia anunciada, terá pedido conversão. Em 1985 Maria terá aparecido ao italiano Renato Baron e comunicado a ele que os sofredores deveriam sacrificar-se e levar a cruz em favor dos pecadores. Igualmente terá dito não restar muito tempo para a humanidade converter-se a Deus. Em Naju, Coreia do Sul, de 1985 a 1992, uma imagem de Maria terá chorado, por diversas vezes, sangue, e terá a Virgem aparecido à senhora Júlia Kim, revelando a ela que as lágrimas se deviam ao fracasso da humanidade em amar a Deus. Mas não só: a tristeza e o sofrimento, segundo a

Virgem, seriam por causa dos abortos. Em 1993, nas aparições em Belleville, Maria terá pedido conversão, oração (Rosário completo), jejum, penitência, confissão frequente, comunhão e, aqui, um dado novo, a leitura diária da Bíblia¹⁰. Já no âmbito do Brasil, Maria terá aparecido ao vidente Ricardo, de Niterói, Rio de Janeiro, em 1996, e feito cinco pedidos: oração diária do Rosário; comunhão diária; confissão mensal; adoração de uma hora semanal ao santíssimo sacramento; jejum às quartas e sextas (MARIZ, 2003, p. 247). Como se percebe, os pedidos de Maria realçam o reforço e a fidelidade às práticas devocionais católicas.

4 A MARIA DA MODERNIDADE E SUAS MENSAGENS CONTRA A MODERNIDADE

Entretanto, se é verdade que os pedidos da Senhora por penitência e oração se intensificam nas aparições dos dois últimos séculos, também é verdade que a Virgem, em aparições, lendas medievais e até o século XVIII, também apelava, de uma forma ou de outra, para atos de penitência e oração, embora que, no passado, Maria aparecesse mais disposta a, ela própria, em sua misericórdia, ajudar as almas sofridas, tanto as do aquém como as do além. A impressão que me causa, no entanto, é que nos últimos duzentos anos, e particularmente nos últimos cem anos, a Virgem tem preferido terceirizar esta ajuda, pedindo aos seus fiéis que se encarreguem de rezar, sacrificar-se e penitenciar-se pelos pecadores e por eles mesmos. Maria, agora, pede socorro aos seus devotos para poder segurar o cada vez mais pesado braço de seu filho que, supõe-se, mais pesado fica quanto mais a humanidade teima em afastar-se d'Ele.

Mas não é só a solidariedade na oração e penitência que Maria torna tema insistente entre seus devotos¹¹. Ela, que antes aplacava a ira do divino juiz, é agora o arauto desta

¹⁰ Dados retirados do livro de Darlei Zanon, *Nossa Senhora de todos os nomes*, respectivamente às páginas 48, 50, 123, 143, 188, 226.

¹¹ Aliás, este dado da solidariedade, em oração, entre os cristãos, é tema importante na teologia católica, ou seja, é a “comunhão dos santos”, professada nos símbolos da fé cristã (Credo Niceno--constantinopolitano e Credo Apostólico). Contudo, até o início do século XX esta solidariedade e comunhão referiam-se mais – inclusive nas intervenções da Virgem e devoções a ela – às relações entre vivos e mortos, particularmente no sufrágio pelas almas do purgatório e destas – e as dos santos – pelos vivos. Com as aparições e mensagens marianas que se constituem a partir do século XIX, Maria parece insistir mais na comunhão dos santos entre os vivos, isto é, na oração e penitência pelos pecadores e para a reparação das ofensas, destes, a Deus.

mesma ira. E o dado que, se não é totalmente novo, é, no entanto, digno de nota: a Virgem adverte a Igreja de forma clara e direta.

Maria terá aparecido, por diversas vezes – entre 1945 e 1958 –, a Ida Peedeman, em Amsterdã, Holanda. Nas aparições Maria terá se revelado como “corredentora e medianeira”, e pedido a oração do Rosário. Mais: “chamou a atenção da Igreja para que não ande por caminhos obscuros na evangelização diante da modernidade” (ZANON, 2007, p. 272). A devoção daí resultante é a de Nossa Senhora de Todos os Povos, pois que terá aparecido, Maria, com um globo em sua mão – com a cruz ao alto dele – e convocado todos os povos a se reunirem em torno da cruz. O que chama mais a atenção, no entanto, é, claro, sua advertência contra a obscuridade da evangelização na modernidade. Estamos aqui no contexto de novas teologias e movimentos eclesiais que surgem entre as décadas de 1940 e 1950, como a *Nouvelle Théologie*, o movimento litúrgico (já amadurecido, entretanto), entre outros, que causam certa desconfiança à Sé da Igreja, que desautoriza obras de eminentes teólogos que, entretanto, serão redimidos com e após o Concílio Vaticano II, tais como Henri de Lubac (1896-1991), Yves Congar (1904-1995), Marie-Dominique Chenu (1895-1990), entre outros. Já estamos na antecâmara de novos ares que forçam as janelas da Igreja a um *aggionamento*, e a Virgem parece não ver com bons olhos o que estava a acontecer. Ao menos a que terá surgido em Amsterdã...

Em rumo semelhante ao de Amsterdã, em La Salette Maria terá dado mensagem – em seu segredo confiado a Maximino e Melânia – de crítica à Igreja, ou mais precisamente, a sacerdotes e às hierarquias eclesiais¹². E o mesmo terá ocorrido em Akita, em que Maria terá dito: “a acção do Diabo infiltrar-se-á na Igreja, de modo que haverá cardeais contra cardeais e bispos contra bispos. Os padres que me veneram serão desprezados e combatidos pelos seus confrades”¹³; e também em Garabandal, pois que lá a Virgem terá dito que a

¹² A acreditar-se, claro, na mensagem *posterior* à mensagem original das aparições, escrita por Melânia e contestada pela Igreja quanto à sua autenticidade.

¹³ Mas se debruçarmos-nos sobre a história da Igreja – e da humanidade – será necessário admitir que esta realidade de altercações e disputas tem sido, em relação a todas as instituições – civis ou religiosas – a regra histórica, não a exceção. A propósito, Timothy Radcliffe (*Ser cristão para quê?*, p. 307) conta-nos que “no período napoleônico, alguém veio visitar o Secretário de Estado do Vaticano, o Cardeal Consalvi, e disse-lhe: ‘Eminência, a situação é muito séria. Napoleão quer destruir a Igreja’. Ao que o cardeal respondeu: ‘Isso nem sequer nós fomos capazes de fazer’. Profecia mais admirável, portanto, deveria ter sido a inversa: que haveria plena paz e comunhão. Isto

hierarquia tomara o caminho da perdição, levando consigo muitas almas. Mas já muito antes destas aparições, em 1634, em Quito, Maria – conhecida como a Virgem do Bom Sucesso – terá dito a uma freira que no fim do século XX abundariam as heresias na Igreja (CAMPOS, 1997, p. 144).

O sociólogo português Joaquim Costa, para um contexto diferente da temática deste artigo, anota que alguns movimentos eclesiais atuariam em uma espécie de “refundação da Igreja na Igreja, sendo esta uma via obrigatória e um obstáculo” (COSTA, 2010, p. 106). Tomo a liberdade de lançar mão desta ideia para dizer que, de alguma forma, Maria, aqui neste dado específico dos avisos sobre a degradação no interior da Igreja (mas não só), mostraria uma relação com a Igreja em que esta – entendida em suas instâncias oficiais –, sendo absolutamente legítima e necessária para a mensagem cristã, é, entretanto, também, um obstáculo.

Mais prosaicamente, contudo, podemos chegar-nos ao Brasil de 1936, no interior de Pernambuco, em Cimbres, distrito de Pesqueira, onde duas meninas, de 15 e 14 anos, ao sair, no Sítio da Guarda, para coletarem mamonas, relataram que, ao voltar do trabalho, sentiram medo, pois estando sozinhas temeram encontrar Virgulino Ferreira,

sim é profecia para quem tem fé! Ademais, tais mensagens de crises e apocalipses na Igreja a toma, a Igreja, pela instituição, e não pelo povo. Se a Igreja é o bispo, ou melhor, “onde está o bispo, aí está o Cristo; onde está o bispo, aí está a Igreja, a segurança da vida eterna e a comunhão com Deus” (Inácio de Antioquia), ela também é, e fundamentalmente é, o povo de Deus, no qual o bispo se inclui (Mt 18,20). Neste sentido parece interessante a normatização eclesiástica que Mateus apresenta, ou seja, inverte a pirâmide: as questões começam a ser resolvidas na base mais elementar (eu e o outro); depois, poderá ir a um grupo maior, mas ainda pequeno; e, somente em última instância, poderá chegar à Igreja como assembleia dos fiéis (Mt 18,15-19). Refere-se, Mateus, apenas à reconciliação? Talvez sim. Mas não é justamente a necessidade de reconciliação o drama maior da humanidade, que provocou a encarnação e morte de Deus? Não é este o assunto mais sério e mais essencial, e a própria razão da Igreja existir? Mas, enfim, o que quero sinalizar – para além desta digressão – é o paradoxo de que a Igreja é o bispo e o povo (ou *com* o povo), e nenhum sozinho sem o outro, e ambos em Jesus Cristo. Afinal, sem o povo o bispo perde sua razão de ser, isto é, o pastorear. E o bispo, claro, é também ele parte do povo de Deus. E, por fim, o que sustém a Igreja, para ambos, é a Graça e a fé. E trata-se da fé como confiança em Deus – ainda que cega, como a fé de Abraão, já tão bem sublinhada por Kierkegaard –, e não simplesmente como assentimento racional às rubricas das doutrinas. Afinal, a fé de Abraão – seu crer incondicional – foi o passo fértil para gerar um povo, e, por fim, justificou-o diante de Deus (Rm 4,3). A fé é o contrário da esterilidade. Só a fé é capaz de gerar, de arrancar da infertilidade um filho – e um povo – e, depois, fazê-lo (re)viver novamente após sua “morte” já crida através da faca pronta para o sacrifício. Esta é a fé que, em última instância, conta. Mas a Virgem, a se dar crédito aos relatos de mensagens testemunhadas por videntes do século XX, parece estar mais preocupada com a fé das rubricas, dos catecismos, das lutas pela ortodoxia do crer enquanto doutrina (e, nisto, não foge ela ao espírito deste tempo em alguns ambientes eclesiais). Mas, se esta é a fé que fundamentalmente importa, então está tudo perdido desde sempre. Duvido que alguém – minha pessoa que seja – tenha tido a fé plenamente correta (caso isto exista, do ponto de vista da doutrina) – em todos os séculos que a vetusta Igreja já viu passar. Contudo, vá lá: é compreensível o zelo excessivo das mães, e Maria não foge à regra.

o Lampião, e seus cangaceiros, que atuavam, na altura, naquela região. Chorando, pediram a ajuda de Nossa Senhora, quando afirmam ter visto uma Senhora, com um menino ao colo, no alto de um penhasco. A Senhora terá dito: “Eu sou a Graça. Vim para avisar que não de vir três castigos mandados por Deus. Diga ao povo que reze muito e faça penitência” (SILVA, 2003, p. 74). Seria Lampião um flagelo de Deus enviado ao povo? Importa, porém, perceber que se antes Maria impedia a cólera de Deus (detendo suas flechas lançadas ao povo, por exemplo), agora anuncia seus castigos.

No interior de Taquari, Rio Grande do Sul, catorze crianças dizem ter visto, em 1988, a Virgem. Disseram, ainda, ter visto sinais extraordinários, como o sol a dançar, uma árvore chorando, perfume de rosas e forte odor de enxofre, a sinalizar a presença, também, do demônio (STEIL; ALVES, 2003, p. 177). Aliás, nas aparições recentes relatadas no Brasil, por diversas vezes o Diabo surge junto a Maria, como que em uma batalha contra o divino e sua manifestação (STEIL; ALVES, 2003, p. 190). E é bom lembrar que, em Fátima, a visão do inferno também se fez presente. Assim, junto à figura de Maria, enquanto mensageira do divino, a figura do Diabo, do inferno, do castigo, aparece manifestando que, cada vez mais está em jogo uma luta entre tais forças que, entrementes, tem seu principal teatro de batalha neste mundo em que vivemos, numa disputa renhida pelas almas, e Maria, misericordiosamente, vem alertar-nos sobre as consequências do nosso desleixo para com o sagrado e sobre a necessidade de um esforço nosso cada vez maior para que a fé e a salvação prevaleçam.

Quanto a este drama histórico, em que Maria, a mulher apocalíptica, aparece vencendo o antigo dragão ou serpente (Ap 12, 1-17), a teologia da Igreja Ortodoxa dá importante testemunho, como anota De Fiores (1991, p. 554):

La teología ortodoxa (...) concibe la historia como una tragedia espiritual, en la que se oponen dos fuerzas antitéticas: la mujer vestida de sol y la gran prostituta de babilonia. (...) Por lo que se refiere a la parusía, Bulgakov está convencido de que estará caracterizada por la presencia de María, tal como o documenta no sólo la escritura sino también la tradición iconográfica oriental: la madre de Dios está siempre representada en el juicio final, como obra perfecta del Espíritu Santo y como signo de misericórdia maternal.

Contudo, de forma a diferenciar-se das aparições e lendas pretéritas, aparece um fato novo nas aparições contemporâneas: Maria como mensageira da doutrina, e nisto, também de si mesma. Lourdes marca de forma significativa esta nova era, em que Maria terá surgido a Bernadette Soubirous (1844-1879) logo após o Papa Pio IX proclamar – não sem resistências internas no seio da Igreja – o dogma da Imaculada Conceição. Conforme o relato da vidente, a própria Virgem terá confirmado, de viva voz, ser ela a Imaculada Conceição. Fátima dá seguimento a esta face doutrinária da Virgem, em que a mesma mostra o Inferno e revela seu Imaculado Coração. Contudo podemos, a respeito deste tema, vasculhar aparições menos globais.

A uma vidente que lhe perguntara o nome, Maria, em Beauraing, terá dito ser a “Virgem Imaculada”. Nas visões marianas que teve a menina húngara Maria Natalina Kovacsics, em 1936, a Virgem terá manifestado o desejo de ser invocada como Mãe Imaculada e Rainha do Mundo. Em Heede, Alemanha, Maria terá aparecido a quatro meninas, em 1936, e, portando um globo em suas mãos, terá também manifestado a vontade de ser reconhecida como rainha do universo.

Em plena época das discussões mariológicas sobre a mediação de Maria para a salvação da humanidade, e de sua corredenção, Maria terá aparecido em Pfaffenhafen, Alemanha, no ano de 1946, pedindo a oração do Rosário e apresentando-se como medianeira de todas as graças. Em 1993, Maria terá começado suas aparições à romana Marisa Rossi. O cerne da mensagem é a importância da eucaristia. É invocada, nestas aparições, como Nossa Senhora Mãe da Eucaristia¹⁴.

No Brasil Maria também tem reforçado a fé e a ortodoxia católica em suas aparições e mensagens. Em Taquari, interior do Rio Grande do Sul, Maria terá se revelado a uma criança deste modo: “Eu sou Nossa Senhora da Assunção” (STEIL; ALVES, 2003, p. 187).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁴ Dados retirados do livro de Darlei Zanon, *Nossa Senhora de todos os nomes*, respectivamente às páginas 48, 165, 174, 209, 228.

É interessante observar que à medida que a modernidade e a secularização da sociedade avançam, a Virgem parece acompanhar a Igreja no reforço da fé e da doutrina. Mas agora, mais do que nunca, ela é o símbolo da fé ortodoxa católica, ela é meio e mensagem, fazendo de si um tema não só relativo a outros – à misericórdia para com os pecadores, às necessidades das várias camadas sociais –, mas um tema autorreferente, isto é, proclamando-se a si mesma a partir de seus atributos dogmáticos, em sintonia com as proclamações ou discussões mariológicas da Igreja. Sem dúvida uma Maria moderna, mas desconfiada da modernidade!

REFERÊNCIAS

- ALLEGRI, Renzo, ALLEGRI, Roberto. *Os milagres de Fátima: a história narrada pelo sobrinho de Irmã Lúcia*. São Paulo, Paulinas, 2013.
- BOFF, Clodovis. *Mariologia social*. O significado da Virgem para a sociedade. São Paulo, Paulus, 2006.
- CAMPOS, José Narino de. *O lugar de Maria na fé*. Sacavém, Edições São Paulo, 1997.
- COSTA, Joaquim. *Sociologia da Religião*. Breve introdução. Aparecida, Santuário, 2010.
- DE FIORES, Stefano de. *Maria en la teologia contemporanea*. Salamanca, Ediciones Sigueme, 1991.
- DE FIORES, Stefano. Fátima. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Org.). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo, Paulus, 1995, p. 542-549.
- FRANCO, Joaquim. Leitura (im)possível de uma visita. Significados e o não-visível na visita de Bento XVI a Portugal. In: *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Série Monográfica, vol. V. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2010.
- GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- LOCHET, Louis. *Apariciones de La Virgen: por qué? para qué?* Madrid, Ediciones Palabra, 1969.
- LOCHET, Louis. *Teologia das aparições marianas*. São Paulo, Paulinas, 1966.
- MARIZ, Cecília Loreto. Rainha dos Anjos: a aparição de Nossa Senhora em Itaipu, Niterói. In: STEIL, Carlos Alberto, MARIZ, Cecília Loreto, REESINK, Mísia Lins (Org.). *Maria entre os vivos*. Reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2003, p. 235-268.
- MARTINI, Carlo Maria. O convite da Maria a nós, pastores. In: MARTINI, Carlo, BARRETE, Gene, BROVELLI, Franco. *Maria e a dimensão afetiva da fé*. Petrópolis, Vozes, 1995, p. 65-112.

- MURAD, Afonso. *Quem é esta mulher? Maria na Bíblia*. São Paulo, Paulinas, 1996.
- RADCLIFFE, Timothy. *Ser cristão para quê? Prior Velho*, Paulinas, 2011.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *Maria, Mãe da redenção*. Linhas mestras religiosas do mistério mariano. Petrópolis, Vozes, 1968.
- SILVA, Severino Vicente da. Nossa Senhora das Graças da Vila de Cimbres. In: STEIL, Carlos Alberto, MARIZ, Cecília Loreto, REESINK, Mísia Lins (Org.). *Maria entre os vivos*. Reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2003, p. 69-88.
- STEIL, Carlos Alberto, ALVES, Daniel. “Eu sou Nossa Senhora da Assunção. A aparição de Maria em Taquari. In: STEIL, Carlos Alberto, MARIZ, Cecília Loreto, REESINK, Mísia Lins (Org.). *Maria entre os vivos*. Reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2003, p. 175-202.
- STEINER, George. *Gramáticas da criação*. Lisboa, Relógio D’Água, 2002.
- ZANON, Darlei. *Nossa Senhora de todos os nomes*. Orações e história de 260 títulos marianos. São Paulo, Paulus, 2007.
- ZIZEK, Slavoj. *A monstruosidade de Cristo*. Paradoxo ou dialéctica? Lisboa, Relógio D’Água, 2008.